

## IX SEMANA DA PEDAGOGIA

### TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: PERSPECTIVA PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA

MORONARI, Elizangela Anchieta Gomes<sup>1</sup>  
CRISTOFOLETI, Rita de Cassia<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo debater sobre as contribuições de Vigotski acerca dos estudos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento de pessoas com deficiência no que implica o conceito de defectologia e compensação sociopsicológica, o uso de recursos acessíveis e caminhos indiretos, para que a aprendizagem não tenha limites para o sujeito. Também será apresentado um relato de experiência que teve como foco uma estudante, público-alvo da Educação Especial, matriculada no 9º ano dos anos finais do ensino fundamental, em uma das escolas da rede municipal de São Mateus. O contexto histórico da Educação Especial, bem como as práticas pedagógicas são também abordados. As reflexões sobre a importância da Literatura na prática pedagógica e as implicações na aprendizagem e no desenvolvimento do estudante público-alvo da Educação Especial são consideradas como meio de interação e conhecimento. Por fim, o reconhecimento de que a Teoria Histórico-Cultural contribui nas reflexões sobre a inclusão social e educacional da pessoa com deficiência.

**Palavras-chave:** Teoria Histórico-Cultural. Práticas Pedagógicas. Inclusão. Educação Especial.

#### Introdução

Este artigo objetiva refletir sobre as contribuições de Vigotski (2022)<sup>3</sup> acerca dos estudos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento de pessoas com deficiência, portanto a teoria desenvolvida por Vigotski é foco e abrangência no texto. O panorama histórico da Educação Especial; a perspectiva Histórico-Cultural; a defectologia e o conceito de compensação sociopsicológica; a prática pedagógica (conjunto de ações intencionais definidas para promover a aprendizagem) como trabalho de mediação para os estudantes público-alvo são temas que permearam o estudo realizado num Curso de Pós Graduação em uma Instituição Federal de

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa das Redes Municipal e Estadual. Estudante como Aluna Especial na Disciplina de Ensino e Educação Especial, no curso de Mestrado em Ensino e Educação Básica pela CEUNES/UFES. E-mail: [elizangelaagmoronari@gmail.com](mailto:elizangelaagmoronari@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação e Ciências Humanas – DECH do Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES/Ufes. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB). E-mail: [rita.cristofoleti@ufes.br](mailto:rita.cristofoleti@ufes.br); [ritadecassiacristofoleti@gmail.com](mailto:ritadecassiacristofoleti@gmail.com).

<sup>3</sup> Devido às várias traduções e ao próprio movimento de recepção da obra de Vigotski no Brasil há diferentes formas de escrita do nome “Vigotski”. Neste trabalho será utilizada a forma Vigotski.

ensino e que fomentam reflexões para uma mudança na prática pedagógica, considerando que a qualidade de um processo de ensino-aprendizagem passa por práticas pedagógicas edificadoras que venham a facilitar o acesso ao conhecimento tanto do estudante em geral, como de forma específica o estudante público da Educação Especial, por meio de atividades e oportunidades para desenvolver e aprimorar suas habilidades. O relato de experiência que será apresentado teve como foco uma estudante, público-alvo da Educação Especial, matriculada no 9º ano dos anos finais do ensino fundamental, em uma das escolas da rede municipal de São Mateus. Para tanto, a análise documental foi utilizada como método para conhecer o histórico da estudante: aluna de 15 anos, não-verbal e vir a traçar práticas de intervenção que venham a proporcionar o seu desenvolvimento social e acadêmico.

### **A Teoria Histórico-Cultural no processo de inclusão**

O estudo da Teoria Histórico-Cultural, formulada por Vigotski, é de suma importância para se entender que a influência social transforma e constrói nossas funções mentais superiores, nosso material psíquico. A Psicologia de Vigotski, que nesse trabalho é assumida como Histórico-Cultural, salienta que a história e a cultura constrói e transforma quem nós somos. Essa teoria deixa claro que a interação, a importância dos aspectos sociais, culturais e históricos influenciam na construção e transformação das nossas funções mentais superiores.

Para Leontiev (2005) e Vigotski (2011, 2018), o desenvolvimento mental da criança é atribuído a apropriação da experiência acumulada no decurso da história social, das conquistas das gerações passadas, a diferir-se, qualitativamente, do desenvolvimento dos animais. Para ambos os pesquisadores, a experiência de se apropriar do conhecimento acumulado no decurso da história social, dos objetos e dos fenômenos criados, a partir da linguagem e da interação social, permitem que o homem desenvolva funções mentais superiores (Noronha; Silva; Shimazaki, 2023. p.8).

Dessa forma, o método dialético conduz ao estudo de algo em formação no decorrer das interações sociais. Entendemos a prática pedagógica como uma prática social complexa que acontece em diferentes espaços e tempos na escola, no cotidiano de professores e alunos que estão nela envolvidos e, particularmente, na sala de aula, com a mediada interação professor-aluno-conhecimento. E as contribuições de Vigotski para a fomentação de práticas transformadoras é ferramenta básica.

## **Prática pedagógica inclusiva: avanços para a aprendizagem**

A cada ano letivo é possível que a prática pedagógica sofra mudança de ambiente escolar. No ano letivo de 2024, encontro-me em uma escola em que cada rosto discente foi uma novidade. Leciono a disciplina de Língua Portuguesa para quatro turmas de nonos anos, num total de 75 alunos, dentre eles, quatro pertencentes ao público da Educação Especial.

Neste texto apresento como foco as minhas interações com a estudante Mia<sup>4</sup>. Sua matrícula havia sido renovada, mas por motivos de falta de saúde, veio a comparecer à escola a partir do dia 04 de março de 2024. Desde o ano de 2021, quando cursou o 6º ano, a estudante faz parte da instuição escolar. Nasceu em 13 de junho de 2009, portanto tem 15 anos completos.

Com intuito de realizar um diagnóstico em relação à Mia, não somente a observação e proposta de atividade, mas também, a busca por dados documentais em sua pasta escolar, foi de extrema importância. Constam em sua documentação escolar, além da ficha de matrícula e rematrículas e documentos que a identificam: Laudo Médico assinado por um Neuropediatra em 2021; Relatório de Desenvolvimento Individual<sup>5</sup> do Atendimento Educacional Especializado (AEE)<sup>6</sup>, do 1º e 2º semestres de 2023 e por fim a Avaliação Qualitativa Trimestral<sup>7</sup> do aluno público-alvo da Educação Especial em 2023, ano em que a estudante cursava o 8º ano.

Após a avaliação do Neuropediatra, foi constatado que Mia apresenta quadro clínico de encefalopatia crônica, não progressiva secundária, anoxia neonatal e Transtorno do Espectro Autista Severo, associado à Epilepsia. Segundo a documentação médica apresenta “déficits significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais, déficits expressivos na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse e atividades”. Foi recomendado tratamento com Fonoaudiologia (no momento não tem sido realizado), Terapia Ocupacional,

---

<sup>4</sup> Nome fictício.

<sup>5</sup> Será utilizada a sigla RDI para indicar o documento escolar Relatório de Desenvolvimento Individual.

<sup>6</sup> AEE – Atendimento Educacional Especializado.

<sup>7</sup> Será utilizada a sigla AQT para indicar o documento escolar Avaliação Qualitativa Trimestral.

Psicologia de caráter contínuo (participa de sessões na APAE), uso de Equoterapia bem como a necessidade de Professor Auxiliar para apoiar nas atividades escolares e a recomendação de ser avaliada junto à equipe pedagógica da escola a fim de participar do AEE.

Na primeira semana em contato com a estudante Mia, observei seus aspectos físicos e psicológicos. Sua comunicação é entendida através da observação atenta aos detalhes gestuais, corporais, expressivos da sua face, já que não verbaliza palavras. Trata-se de uma adolescente forte e enérgica, que facilmente é conquistada. Como prática inicial, considero, a curto prazo, ações de proximidade, acolhimento, empatia, confiança, pois estas têm relação com a interação basilar para que as práticas pedagógicas sejam propostas e conseqüentemente poderem resultar numa aprendizagem. Nesse contexto,

O desenvolvimento humano é uma construção histórica e social, que ocorre nas interações e condições objetivas da vida. Nessa concepção está incutida a ideia de que a condição para que o indivíduo se torne sujeito é estar imerso na cultura, num mundo de significações, de convenções, de uso de objetos, de formas diversas de agir, interagir e o modo de pensar com que se encontram inseridos nesse mesmo grupo social, que compartilham as mesmas referências culturais. É nesse processo, no movimento materialista, histórico e dialético que se transformam sujeito e mundo, que decorre a premissa de que o homem se constrói humano por meio da interação dialética com seu meio sociocultural (Santos; Cristófoletti, 2020, p.83-84).

Assim sendo, a minha prática pedagógica perpassa pela interação entre mim, a estudante Mia, sua Cuidadora, a Professora Auxiliar e demais estudantes na sala de aula e fora dela. Pertencerem ao mesmo grupo social, na escola, proporciona a abertura de inúmeras oportunidades, possibilidades, que através de um trabalho colaborativo venham conceder avanço significativo na aprendizagem e desenvolvimento da Mia. Por questões de gestão municipal, os Professores Auxiliares não estão presentes com a estudante de forma constante na sala de aula. Há um horário em que mudam de sala para estarem com outros alunos público-alvo da Educação Especial. Portanto, por uma questão de horário interno da escola, em todas as aulas de Língua Portuguesa, a estudante Mia está sem a Professora Auxiliar, tendo somente a mim, Professora Regente e a Cuidadora em sala de aula. Solicitei para que haja uma reformulação no horário e que pelo menos duas vezes na semana a Professora Auxiliar esteja comigo em sala de aula para dar suporte em relação ao trabalho com a Mia.

No primeiro semestre de 2023 o Relatório de Desenvolvimento Individual (RDI), com data de 27/07/2023 apresenta, inicialmente, a descrição do aspecto cognitivo da estudante Mia:

Não oraliza externando seus desejos e necessidades, sempre que está feliz fica sorrindo e gestualiza sua felicidade com o corpo, aluna não verbal, escritas e garatujas desordenadas, não consegue segurar por muito tempo qualquer objeto em suas mãos, não adquiriu conceito de leitura e conceito de pintura (RDI, 2023, p.1).

As atitudes e necessidades da estudante Mia são expressas através de gestos, do olhar, movimentos da face, do seu corpo como um todo. Houve ocasião em que a aluna se mostrou muito agitada: batendo na mesa, pronunciando sons orais de forma alta, como se gritasse, querendo levantar. Foi uma demonstração de que estava sentindo dor (cólica). Há coordenação motora para estar segurando alguns objetos, mas não por muito tempo. Inclusive tem a atitude imediata, de na maioria das vezes, jogar no chão o material escolar. Ela gosta muito de espelho. Esse objeto ela não joga no chão. Em relação ao aspecto psicomotor é relatado no documento: “Não apresenta domínio corporal ao andar, correr e lateralidade, não tem noção de direcionamento e coordenação motora fina, ou seja, o pinçar pequenos objetos” (RDI, 2023, p1.).

O andar da Mia é compassado, com movimentos de balanço do corpo e ameno desequilíbrio, que não a conduzem ao chão. Observei e venho estimulando para que ela pegue o lápis e o mantenha segurando, sem que jogue ao chão. Desde o início dessa prática, ela ainda não correspondeu, continua jogando no chão. Para que haja algum rabisco é necessário estar segurando a mão dela e estimulando o movimento de “escrever”.

Quanto aos aspectos sócio afetivos é relatado no documento que Mia é “carismática, gosta de abraçar e é sorridente” (RDI, 2023, p1). E, “para estimular seu desenvolvimento educacional, foi proposto pela sala de recursos multifuncionais atividades que desenvolvam concentração fina global de alfabetização, atividades com jogos lúdicos, quadros com desenho mostrando sua rotina na escola, oficina de pinturas para trabalhar sua concentração e atividades adaptadas supervisionadas”. (RDI, 2023, p.1). Mia é muito carinhosa. Sempre que me vê saltita, balança o corpo para cima e para baixo, enuncia oralmente gritinho, e me abraça demonstrando felicidade.

No segundo semestre o relatório com data de 01/12/2023 tem as mesmas

informações apresentadas no primeiro semestre. O texto é o mesmo. Sobre esse fato, vale indagar: Por que há uma cópia textual do relatório do 1º semestre, no segundo? O que foi realizado durante o 2º semestre como práticas pedagógicas? Que estímulos foram realizados para que Mia obtivesse desempenho significativo de acordo com suas potencialidades? Nada mudou? A resposta a essas perguntas poderiam ser encontradas no próprio relatório da equipe do AEE (Atendimento Educacional Especializado) se não fosse uma cópia, ou mesmo no documento de Avaliação Qualitativa com base em cada componente curricular da estudante Mia se as descrições apresentadas não fossem tão superficiais, sem completude e referências. O relatório do 2º semestre é finalizado com os dizeres: “Portanto aluna avançou significativamente e teve o desempenho educacional esperado de acordo com as observações na sala de recursos multifuncionais” (RDI, 2023, p.2). Quais foram esses avanços? Não há descrição dos avanços em ambos os documentos: relatório do AEE do 1º e 2º semestres. Em paralelo, à essas informações a AQT (Avaliação Qualitativa Trimestral) apresenta as descrições relacionadas a cada componente curricular:

Língua Portuguesa – “Por ela não ser verbal, se comunica sempre com gestos. São desenvolvidas atividades com materiais concretos, para estimular seu aprendizado. Sempre conduzida com as mãos.”

Língua Estrangeira (Inglês) – “A aluna não adquiriu os conceitos”.

Artes – “Necessita de estímulos para realizar as atividades que envolvem o ato de desenhar, colorir e recortar, pois a mesma não tem coordenação motora.”

Musicalização – “Não tem”.

Filosofia – “Não tem”.

Matemática – “Não organiza objetos do cotidiano. Observando diariamente o desempenho da aluna, foi constatado que ela não conhece os numerais e nem identifica quantidades. (pois a mesma não é verbal)”.

Ciências – “Necessita de estímulos para realizar as atividades propostas, pois a mesma não tem coordenação motora”.

História – “Necessita de estímulos para realizar as atividades propostas, pois a mesma não tem coordenação motora”.

Geografia – “Necessita de estímulos para realizar as atividades propostas, pois a mesma não tem coordenação motora”.

Educação Física – “A aluna demonstra interesse nas aulas propostas e aproveita para interagir com os colegas. Sempre acompanhada do cuidador”.

A aluna “necessita de estímulos”: essa informação é apresentada na avaliação por mais de um professor. Mas em nenhum momento é relatado quais estímulos foram realizados para que a estudante Mia demonstrasse ou não algum resultado. Estímulo de “segurar o objeto na mão da estudante para que firmando ela possa fazer os movimentos?”, pois não tem “coordenação motora”? Na disciplina de Língua Portuguesa é expressado que há atividades com materiais concretos, mas que Mia precisa ser conduzida com as mãos. Nas disciplinas de Ciências, História e Geografia a descrição é a mesma, ou seja, evidente que houve apenas uma cópia das informações. O que significa “Não ter” musicalização e filosofia? Em que aspecto? Em Matemática não conhecer os numerais e quantidades implica necessariamente o fato de “não ser verbal”? Em reflexão a essas informações, constato semelhança com as informações relatadas por Padilha (2004) referente a uma pesquisa na qual aborda, como objeto de estudo, o aluno José. E as colocações inquietantes quanto ao trabalho docente: “Como as professoras olham – para si, para a escola, para o aluno? Para o que olham em cada uma destas instâncias?” (Padilha, 2004, p.53). E ainda:

Que evidência circunstancial foi valorizada na decisão para encaminhamento à avaliação diagnóstica? Quais as pistas selecionadas? Em que âmbito da investigação foi insuficiente? Por que, no material documentado a respeito de José, não apareceu, em qualquer momento, alguma suspeita sobre a escola pública e seus problemas, sobre a formação dos professores, sobre as possibilidades de mudanças no cotidiano de sala de aula? (Padilha, 2004, p.53).

Tais indagações apontam uma “culpabilidade” em relação ao aluno como se sua dificuldade fosse justificada pelo fato de não se desenvolver. Isso acontece tanto com alunos de forma geral, como alunos pertencentes ao público-alvo da Educação Especial.

De 92 aulas já ministradas, incluindo o 1º e 2º trimestres, até o momento, a estudante Mia participou de 48 aulas. Observei que a maioria das aulas ela, em sala de aula, quando não está dormindo, está quieta no canto ou mesmo fora da sala. Aulas de Educação Física não tem participado. Quando ocorre, fica na sala ou no pátio distante do local da aula de Educação Física. A aluna possui musicalização, pois gosta de ouvir música, dança, apresenta corporalmente sintonia com o ritmo

da música (quando é lenta, movimenta-se lentamente, quando é agitada, movimenta-se de forma agitada). Ela tem gosto musical e apresenta ter compreensão da linguagem musical, pois interage com o ritmo.

No decorrer desse período de 48 aulas em que Mia esteve presente nas aulas de Língua Portuguesa, a interação é de cem por cento: mesmo que ela não se expresse verbalmente, mas converso com ela, faço perguntas como se ela fosse responder verbalmente. Ela responde com o olhar, prestando atenção ao que estou dizendo, responde com o corpo expressando alegria e sons da oralidade, não fonéticos, mas que significam uma comunicação.

O trabalho com a Literatura tem sido de suma importância: a participação de Mia na locação de livros na biblioteca; a prática de contar histórias e ela estar interagindo na contação; o trabalho de apresentação de texto literário com fantoches e a participação dela; apresentação de texto literário musicado e a demonstração corporal dela (balançando a cabeça, o corpo todo, fazendo gestos, emitindo sons orais indicativos de estar entendendo e gostando), enriquecedor para o aprendizado e desenvolvimento da estudante Mia. Segundo Coelho, “a literatura vem ao longo dos anos se consolidando, num dos mais eficazes instrumentos de formação da criança” (Coelho, 1991, p. 320).

De acordo com Paiva, Maciel, Cosson (2010, p.57),

O encurtamento da presença da literatura na sala de aula não significou, obviamente, a ausência da literatura na escola. Por algum tempo, até mesmo por causa da vitalidade da literatura infantil e juvenil brasileira, as obras literárias foram usadas não como objeto de ensino, mas de simples fruição. Buscava-se, assim, reproduzir na escola o mesmo comportamento do leitor maduro em relação ao texto literário. O prazer de ler, uma proposta muitas vezes mal interpretada, foi bandeira de muitos daqueles que viam no ensino da literatura um cerceamento da leitura literária, esquecendo que todo modo de ler passa necessariamente por uma aprendizagem, não existindo um modo “natural” ou espontâneo de leitura.

Assim, sobre o espaço da Literatura em sala de aula vale ressaltar que se trata do espaço do texto (a apresentação do texto literário) primeiramente; do espaço de contexto (todo texto literário tem uma mensagem a transmitir sobre essa ou aquela área de conhecimento, não o que está em volta da obra, mas, as referências que traz de mundo e que vem com o texto; e por fim o espaço do intertexto (da relação entre os textos e reconhecimento de que um texto é sempre o diálogo com outros textos, conforme conceituou Julia Kristeva a partir da leitura realizada de Bakhtin.

Atualmente, nesse período do terceiro trimestre, é nítido o desenvolvimento alcançado com o trabalho realizado quanto a interação, principalmente, utilizando a Literatura como ferramenta pedagógica. A estudante Mia, anteriormente ao lançar os objetos ao chão, o sentido dessa ação poderia ser o “de chamar a atenção” ou “demonstrar não querer”. Mas com o trabalho realizado, com o passar do tempo, essa ação foi deixando de ser uma prática da estudante. Demonstra gostar e participar melhor, quando as atividades envolvem a Literatura. A estudante, também tem se mostrado mais expansiva: andando pela sala de aula, indo até os colegas, andando mais livre pelo pátio, sem apoio (seu corpo está mais esguio, equilibrado). Direciona-se sozinha até outras salas, como a da Pedagoga. Quanto a esse processo, Vigotski em Fundamentos de Defectologia (2022) nos leva a refletir sobre três questões:

A primeira questão é: o que funciona, não contra nós, mas a nosso favor, no desenvolvimento da criança com atraso mental? Ou seja: quais são os processos que surgem no próprio desenvolvimento da criança com atraso mental que levam à superação do atraso, à luta contra ele e à elevação da criança a um nível superior? A segunda questão é: qual é a estrutura e a dinâmica do atraso mental em geral? A rigor, o quadro do atraso mental não se esgota com os processos que funcionam para nós. Visando a compreender a importância e o lugar desses processos, é necessário compreender seu lugar e sua significação na estrutura do atraso mental. A terceira questão consiste nas conclusões pedagógicas máximas que emanam da solução da primeira e da segunda questão (Vigotski, 2022, P.205).

Dessa forma, há importância em se buscar caminhos indiretos que funcionem para melhores formas de ações práticas, num caminho a se considerar a singularidade, a peculiaridade e o qualitativo. Embora a deficiência produz limites biológicos, Vigotski (2022) diz que não devemos nos prender ao limite biológico, porque a aprendizagem para o sujeito não deve ter limites.

### **Considerações finais**

A Teoria Histórico-Cultural contribui significativamente para o desenvolvimento de escolas inclusivas, em particular contribui para a educação de pessoas com deficiência intelectual. Vigotski sinaliza que o desenvolvimento cognitivo tem uma influência forte das interações sociais e culturais, que as ferramentas culturais como a linguagem, os símbolos e os conceitos são mediadoras do pensamento. Isso significa que o desenvolvimento ocorre por meio da internalização de práticas sociais e culturais.

O estudo e reflexão dos conceitos apresentados na elaboração teórica de Vigotski, o olhar crítico sob a prática pedagógica são fatores importantes a serem considerados para o desenvolvimento de práticas que venham a favorecer a aprendizagem do estudante público-alvo da Educação Especial, conforme foi apresentado nesse trabalho em relação à estudante Mia, cujo desenvolvimento vem se mostrando, nas mínimas ações, de forma positiva. Nesse processo, a Literatura atrelada ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem é ferramenta que contribui significativamente para a interação social, a fomentação de emoções, reações e conhecimento acerca de inúmeros temas.

### Referências

COELHO, N. N. **A Literatura Infantil: História, Teoria, Análise**. São Paulo: Ática, 1991.

NORONHA, A. M.; SILVA, S. C. R.; SHIMAZAKI, e. M. A teoria histórico-cultural e a educação de pessoas com deficiência intelectual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.18, n. 00, e023025, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17611>. Acesso em: 03 out. 2024.

PADILHA, A. M. L. **Possibilidades de histórias ao contrário: ou como desencaminhar o aluno da classe especial**. 3ªed. São Paulo: Plexus editora, 2004.

PAIVA, A.; MACIEL F.; COSSON, R. (Coord.). **Coleção Explorando o Ensino, v.20**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2010.

SANTA, F. D.; BARONI, V. **As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: contribuições teóricas para a psicologia histórico-cultural**. Vol VI, nº12, Kinesis, 2014. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4792>. Acesso em 02 out. 2024.

SANTOS, Z. B. dos (org.); CRISTOFOLETI, R. de C. (org.). **Ensino na Educação Básica: linguagem e perspectivas**. Campos de Goytacazes, Rio de Janeiro: Encontrografia, 2020.

SÃO MATEUS (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Avaliação Qualitativa Trimestral**. São Mateus: 2023.

SÃO MATEUS (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Relatório Desenvolvimento Individual**. São Mateus: 2023.

VIGOTSKI, L. S. **Obras completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia**. 2. ed., Cascavel (PR): EDUNIOESTE, 2022.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed., São Paulo (SP): Martins Fontes, 2007.